

## A Língua Portuguesa e a Ciência Brasileira<sup>1</sup>

A.P. Guimarães  
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

O papel de um escritor 'é proteger a língua em que trabalha'.  
José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura (1998)[1]

Nos anos 50, o escritor C.P. Snow, físico de formação, discorreu sobre o abismo entre a cultura tradicional (artística, literária) e a cultura científica, problema que ele denominou de duas culturas. Seu ensaio original e o livro subsequente [2,3] causaram um grande impacto, alimentando um debate sobre as necessidades da educação no século XX e sobre a difusão do conhecimento científico no conjunto da população. Todo pesquisador da área das ciências ditas exatas desejaria poder transpor esse abismo, atingindo com suas idéias mais e mais pessoas. Em outras palavras, fazendo com que os resultados do seu trabalho científico se integrem de alguma forma no edifício do conhecimento humano, e em particular, na cultura da nação.

A cultura de uma nação é um conjunto de costumes, comportamentos, instituições, tradições, técnicas, valores materiais, sua literatura e todas as outras manifestações artísticas, sua culinária, seu folclore, etc. A língua falada no país também é um elemento importante da cultura e um aspecto importante de nossa identidade.

No Brasil, como nos outros países do mundo, os textos e conferências dos cientistas, quaisquer que sejam suas línguas maternas, estão repletos de expressões em inglês. Estas incluem palavras de uso internacionalmente já consagrado, como bit, Internet, spin, e muitas outras. Mas freqüentemente incluem também palavras que têm equivalente perfeito em português, no caso do Brasil, sendo seu uso então muito menos defensável.

Com efeito, quando introduzimos em nossos textos ou aulas essas palavras, estamos deixando de contribuir para criar palavras e expressões em português que melhor as traduzam, o que serviria, portanto, para o enriquecimento e aperfeiçoamento da língua. Dessa forma, criam-se barreiras ainda maiores para que o trabalho dos cientistas e técnicos brasileiros se tornem conhecidos de toda a população, e em última análise, para que se eleve o nível de cultura científica do país. O jargão torna-se assim ainda mais impenetrável e excludente.

No entanto, é compreensível que isto ocorra, por duas razões. Em primeiro lugar, o inglês é sem dúvida a língua internacional da ciência, a nova língua franca, que desempenha o mesmo papel que o latim já desempenhou até o século XVIII. Isto ocorre devido a raízes históricas, originalmente ligadas ao poder do Império

---

<sup>1</sup> Publicado no *Jornal da Ciência* (SBPC), n.º. 402, vol. 13, de 20 de novembro de 1998.

Britânico, e, principalmente, nos dias de hoje, devido ao papel de liderança tecnológica e científica (e também política) dos Estados Unidos. Em segundo lugar, em estreita relação com o primeiro ponto, os novos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, e os novos produtos de alta tecnologia que deles resultam, são descritos e/ou 'batizados' nos artigos, patentes, e outros documentos também em inglês. Além dessas razões, o inglês é a língua materna de mais de 300 milhões de pessoas, e a segunda língua de mais de 400 milhões de outras.

Podemos dar as costas ao uso da língua inglesa? É claro que não. Devemos, ao contrário, mostrar aos nossos estudantes que não é possível seguir uma carreira técnica ou científica sem estudar inglês, sem ler e sem se exprimir nessa língua. Isto porque os artigos científicos são majoritariamente escritos em inglês, a maioria dos livros textos também, e a comunicação entre os pesquisadores de todo o mundo é feita nessa língua.

O crescimento da Internet é outro fator que impõe o conhecimento da língua inglesa. Para ilustrarmos de maneira quantitativa a importância dos textos científicos em inglês na Internet, fizemos uma busca na rede da palavra 'ciência', registrando o número de páginas em que esta ocorre em diferentes línguas. A pesquisa foi feita escolhendo a palavra e o idioma com o programa de busca Altavista. Deve-se notar que esse programa, por ser de uma empresa sediada nos Estados Unidos, provavelmente apresenta um viés favorável à inclusão de páginas em inglês. Os resultados estão no quadro seguinte:

Palavra	Língua	Número de Páginas
Science	Inglês	16 909 750
Science	Francês	243 940
Ciencia	Espanhol	184 690
Ciência*	Português	130 780

\*na pesquisa em português, utilizamos 'Ciencia', sem acento.

No comércio, os produtos freqüentemente recebem no Brasil nomes em inglês; isto supostamente faz o consumidor associar a eles algo de moderno, de 'Primeiro Mundo'. Na verdade, esta é em geral uma manifestação de subdesenvolvimento, tanto dos produtores quanto dos consumidores<sup>2</sup>: o nome em inglês não torna nenhum bem ou serviço melhor. O desejável seria fazer crescer, através do aumento da qualidade, o prestígio e a aceitação, no Brasil e no mercado externo, de produtos e marcas brasileiros.

Uma preocupação maior com a língua nacional só é encontrada em países mais desenvolvidos, não nos países periféricos. O exemplo mais conhecido dessa atitude entre os países desenvolvidos é o da França, onde, a despeito de exemplos anedóticos de episódios de 'defesa' da língua, este é considerado um problema real. Outras vezes, essa preocupação leva a medidas que não parecem muito inteligentes,

<sup>2</sup> Um exemplo insólito: atendendo ao crescente interesse do público em relação à Língua Portuguesa, um grande jornal do Rio de Janeiro criou um suplemento inicialmente dedicado às dúvidas dos leitores sobre Português, e deu o nome de...Help!

como por exemplo a obrigatoriedade da dublagem dos filmes estrangeiros na Espanha e em outros países.

Estas considerações não me levam a defender que os cientistas brasileiros escrevam seus artigos e comunicações científicas em português, nem mesmo que as revistas científicas brasileiras adotem o português como sua língua. Nada disso. O que estamos propondo é que se considere essa uma questão importante. E que professores, estudantes, jornalistas e divulgadores de ciência façam um esforço para enriquecer a língua portuguesa, da mesma forma que se esforçam para introduzir no corpo da cultura nacional as mais novas idéias e teorias científicas geradas em qualquer parte do mundo. Em particular, os estudantes que escrevem dissertações de mestrado e teses de doutorado, devem ser estimulados a desenvolver uma posição crítica em relação a essa questão. Teses e dissertações são documentos importantes que ficam como testemunho dos desenvolvimentos da ciência no país, além de muitas vezes atingirem um alcance ainda maior ao se transformarem em livros.

Nós, atuais professores e orientadores, e os futuros professores - nossos alunos - precisamos nos exprimir em bom português, e isto exige uma posição crítica e um cuidado especial para não usar desnecessariamente palavras em inglês. Exige ainda, em muito maior grau, um cuidado para não se agredir a gramática da nossa língua. Mas isto já é uma outra questão, muito mais grave, que escapa ao âmbito do presente comentário.(apguima@cat.cbpf.br).

#### Referências

1. Jornal do Brasil, 9 de outubro de 1998<sup>3</sup>
  2. C.P. Snow, New Statesman, 6 de outubro de 1956.
  3. C.P. Snow, 'The Two Cultures, and a Second Look', Cambridge University Press (Cambridge 1991).
-